

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM VIGILÂNCIA EM SAÚDE

Guilherme Chalo Nunes

GLOBALIZAÇÃO E PROCESSO SAÚDE/DOENÇA:
Um olhar sobre o território

Rio de Janeiro

2010

Guilherme Chalo Nunes

GLOBALIZAÇÃO E PROCESSO SAÚDE/DOENÇA:

Um olhar sobre o território

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Vigilância em Saúde.

Orientadora: Danielle Moraes

Rio de Janeiro

2010

Guilherme Chalo Nunes

GLOBALIZAÇÃO E PROCESSO SAÚDE/DOENÇA:

Um olhar sobre o território.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Vigilância em Saúde.

Aprovado em 13 / 12 / 2010

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Maurício Monken – EPSJV/FIOCRUZ

Prof. MSc. Carlos Eduardo Colpo Batistella – EPSJV/FIOCRUZ

Prof. MSc. Danielle Ribeiro de Moraes – EPSJV/FIOCRUZ

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos sentimentos que estes me deram. Danielle, Maurício, Batistella e José Vitor; pela orientação. Giovana, Matheus e Paloma, pelo dialogo. A turma de Vigilância em saúde de 2008; pela amizade. A Clarice; pelo amor.

A todos que tornaram esse momento possível, professores, pesquisadores, alunos e profissionais dessa bela instituição meu agradecimento

RESUMO

O presente trabalho se baseia em uma pesquisa bibliográfica sobre a temática da globalização e suas implicações na saúde humana, tendo em vista a análise teórica a respeito de tema, que o Professor Milton Santos escreveu em seu livro “Por uma outra globalização: do pensamento único á consciência universal”. Assim o presente trabalho se constitui pelo esforço de estabelecer uma ponte entre o pensamento à cerca das implicações do capitalismo contemporâneo na saúde. Indo de conceituações mais concretas até mais subjetivas. Passando pela teoria de Milton Santos, a um breve histórico sobre o processo saúde doença indo desde a teoria dos miasmas até os modelos explicativos contemporâneos. Assim é no ultimo capítulo que estabelecemos o conceito de espaço geográfico e analisamos como as questões que envolvem a geografia podem ser de grande importância para o setor saúde, no enfrentamento de doenças e a cima de tudo traçamos como o setor saúde pode ser um elo importante para a tomada de uma cultura popular, ou seja, como o setor saúde pelo olhar do território pode dar poder ao mesmo, construindo uma possibilidade como o professor Milton Santos nos fala em sua obra.

Palavras-Chave: Globalização. Processo Saúde Doença. Território.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 GLOBALIZAÇÃO	8
2.1 GLOBALIZAÇÃO, QUAL É A NOSSA?	8
2.1.1 Que nova ordem é essa?	9
2.2 GLOBALIZAÇÃO “O MUNDO COMO FÁBULA, COMO PERVERSIDADE E COMO POSSIBILIDADE”.....	11
2.2.1 Globalização como fábula.....	11
2.3 GLOBALIZAÇÃO COMO PERVERSIDADE.....	12
2.4 GLOBALIZAÇÃO COMO POSSIBILIDADE	14
3 PROCESSO SAÚDE/DOENÇA	15
3.1 HISTÓRICO DO PROCESSO SAÚDE/DOENÇA.....	15
3.2 O PROCESSO SAÚDE/DOENÇA NA ATUALIDADE.....	18
4 TERRITÓRIO E PROCESSO SAÚDE/DOENÇA	20
REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

Desde os anos de 1980 o capitalismo vem sofrendo grandes modificações, tendo como uma das principais mudanças, uma grande intensificação das interações transnacionais, proporcionada pela mundialização da produção capitalista.

Os traços principais dessa nova economia mundial são os seguintes: economia dominada pelo sistema financeiro e pelo investimento à escala global; processos de produção flexíveis e multilocais; baixos custos de transporte; revolução das tecnologias de informação e de comunicação; desregulação das economias nacionais, preeminência das agências financeiras multilaterais. (SANTOS, 2005, p. 29)

Essa intensificação não foi posta só nos pilares econômicos, tendo em vista a grande circulação de capital; foi também migratória, seja a trabalho ou a turismo, intensificando e também a circulação de informações e imagens.

É por essas características que alguns autores já utilizaram o nome “globalização” em suas análises das relações econômicas, mas podemos entender hoje que o processo de globalização não é meramente a grande intensificação da produção capitalista através do globo; e sim, um processo maior, multifacetado; com características sociais, políticas, culturais e econômicas (SANTOS, 2005).

Para Boaventura de Souza Santos (2005) o processo de globalização é percebido de forma confusa, atraindo uma análise hegemônica do processo, propiciada pelo consenso neoliberal. Para este autor, o consenso neoliberal está:

[...] subscrito pelos Estados centrais do sistema mundial, abrangendo o futuro da economia mundial, as políticas de desenvolvimento e especialmente o papel do Estado na economia . Nem todas as dimensões da globalização estão inscritas no mesmo modo deste consenso, mas todas são afetadas pelo seu impacto. (SANTOS, 2005, p. 27)

É dessa interpretação hegemônica do processo de globalização que Milton Santos define que este processo tem como uma de suas faces, a fábula, sustentada pela máquina ideológica (SANTOS, 2009) do capital. Também por causa desta interpretação confusa, que Milton Santos, analisa processo de globalização em três faces: como fábula, perversidade e possibilidade. A face perversa do processo de globalização é onde Milton Santos analisa grandes problemas que o processo nos trouxe como: desemprego, pobreza e fome e as suas causas e conseqüências, buscando entender como o sistema contemporâneo se comporta; e como possibilidade ele observa que o processo de globalização pode servir de “trampolim” para uma nova história do séc. XXI, visto a grande miscigenação de culturas e teorias, tanto

no plano empírico quanto no plano teórico. Essas explicações monocausais [ou hegemônicas] “permitem que o mundo se torne esse mundo confuso e confusamente percebido. Explicações mecanicistas são, todavia, insuficientes” (SANTOS, 2009 p. 19).

Como podemos perceber, a teoria que envolve o fenômeno da globalização, analisa-o de forma multicausal e com diferentes impactos na sociedade, contudo percebemos que os processos que evidenciaram o fenômeno da globalização criaram e aumentaram uma série de disparidades político-sócio-econômicas. O presente trabalho irá se basear nas teorias do processo de globalização tendo em vista a:

[...] perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente impútaveis ao presente processo de globalização. (SANTOS, 2009 p. 20)

É a partir desse processo perverso que podemos pensar como a saúde está nele localizada, visto que estamos precarizando cada vez mais os sistemas de proteção social; desregulamentando os meios de fiscalização do trabalho e do processo de produção. Isto posto, o presente trabalho se propõe a analisar como as formas contemporâneas de relações sócio-políticas interagem com a saúde, conforme recorte apresentado mais adiante. Esta análise leva em consideração que “uma nova proposta metodológica para a epidemiologia deve incorporar o espaço geográfico em todas as escalas em que este se manifesta” (BARCELLOS, 2008), visto que a epidemiologia é o “ramo da saúde que estuda, na população, a ocorrência, a distribuição e os fatores determinantes dos eventos relacionados com a saúde” (PEREIRA, 1995, p. 3). E são esses fatores determinantes, que essa pesquisa pretende revisar, incorporando um novo olhar aos mesmos.

2 GLOBALIZAÇÃO

O capitalismo vem sofrendo grandes transformações nas últimas três décadas. A ascensão do neoliberalismo trouxe à tona uma série de políticas de não intervenção e de liberação dos mercados aos grandes capitais estrangeiros. Neste capítulo faremos uma revisão sobre globalização na obra do professor Milton Santos “Por uma outra globalização: do pensamento único á consciência universal”.

2.1 GLOBALIZAÇÃO, QUAL É A NOSSA?

A temática da globalização vem sofrendo uma série de análises nessas últimas décadas e com isso a teoria a respeito do tema se apresenta em uma gama complexa de análises. Isto torna esse assunto muitas vezes confuso, mesmo dentro da comunidade científica, visto o grande número de teses a respeito.

O que defendemos neste trabalho é a perspectiva do professor Milton Santos em seu trabalho “Por uma outra globalização: do pensamento único á consciência universal”, que acredita que o processo de globalização tem três fases, que não se excluem e sim convivem e convergem.

O processo de globalização se inicia com a formação de uma nova geopolítica mundial nos anos de 1978-1980. A partir dessa década uma nova teoria política emerge nas correntes de pensamento econômico, e mais precisamente na escola de Washington nos Estados Unidos da América, a teoria do neoliberalismo, como nos traz Harvey:

O neoliberalismo é em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe o bem-estar humano pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos de propriedade privada, livre mercado e livre comércio. O papel do Estado é criar e preservar uma estrutura institucional apropriada a essas práticas; o Estado tem de garantir, por exemplo, a qualidade e a integridade do dinheiro. Deve também estabelecer as estruturas e funções militares, de defesa, da polícia e legais requeridas para garantir direitos de propriedade individuais e para assegurar, se necessário pela força o funcionamento apropriado dos mercados. Além disso, se não existirem mercados (em áreas como a terra, a água, a instrução, o cuidado de saúde, a segurança social ou a poluição ambiental), estes devem ser criados, se necessário pela ação do Estado. Mas o Estado não deve aventurar-se para além dessas tarefas. As intervenções do Estado nos mercados (uma vez criados) devem ser mantidas num nível mínimo porque, de acordo com a teoria, o Estado possivelmente não possui informações suficientes para entender devidamente os sinais do mercado (preços) e porque poderosos grupos de interesse vão inevitavelmente distorcer e vivenciar as intervenções do Estado (particularmente nas democracias) em seu próprio benefício. (HARVEY, 2008, p. 12)

É a partir dessa conjuntura política que o professor Milton Santos tece suas principais críticas sobre a economia contemporânea, construindo o seu pensamento sobre as características desta nova ordem.

2.1.1 Que nova ordem é essa?

Para entendermos que novos processos são esses que surgiram em nossa história, devemos atentar para dois fatos nesse período histórico: a massiva internacionalização da economia capitalista (tendo em vista não só o mercado especulativo também os processos técnicos que nos trouxeram a esse momento de expansão da produção) e os processos políticos desse período.

A globalização é vista como um processo de máxima internacionalização do processo de produção capitalista. De todo modo essa afirmação não é falsa, mas devemos acrescentar algumas análises a essa visão reducionista do cenário econômico-político contemporâneo. O professor Santos traz pontos importantes para a compreensão dessa nova ordem. Ele nos diz que o processo de internacionalização da economia do mundo capitalista só chegou a esse ponto porque os processos técnicos nos deram subsídios para tal empresa. Para o autor a técnica pode ser entendida como a “relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e ao mesmo tempo, cria espaço”.

Para melhor compreensão do tema vamos entender os processos políticos dessa nova ordem, para entrarmos com mais nitidez na crítica do professor Milton Santos.

No capítulo 2 da obra citada ele nos descreve seis processos sociais que nos trouxeram a essa conjuntura atual, o que ele denomina “A produção da globalização”; um desses seis pontos, é a “unicidade técnica”. Como foi colocado antes, a técnica tem um papel importante na análise do autor, pois para ele a técnica chega em um momento central; um momento de diálogo com os outros sistemas técnicos, proporcionado pelo atual sistema de informação. Assim esse novo sistema vai

[...] permitir duas grandes coisas: a primeira é que as diversas técnicas existentes passam a se comunicar entre elas. A técnica da informação assegura esse comércio, que antes não era possível. Por outro lado, ela tem um papel determinante sobre o uso do tempo, permitindo, em todos os lugares, a convergência dos momentos, assegurando a simultaneidade das ações e, por conseguinte, acelerando o processo histórico. (SANTOS, 2009 p. 25)

Dentro dessa análise sobre a produção da globalização outro ponto central é a “convergência dos momentos”. Para ele, a percepção do tempo realmente é a mesma em todos

os lugares do globo, mas agora os momentos vividos são os mesmos, ou seja, o novo sistema de técnicas permite que a economia se interligue e permaneça ativa 24 horas. Milton Santos nos fala: “Nunca houve antes essa possibilidade oferecida pela técnica à nossa geração de ter em mãos o conhecimento instantâneo do acontecer do outro”.

“O motor único” é mais um ponto dentre os seis que já foram mencionados. No nosso atual momento da história do capitalismo podemos falar em um motor único, ou seja, uma mais valia que seja universal, que comanda várias ações dentro do mundo do trabalho. Historicamente presenciamos vários modelos de produção (o inglês, na expansão industrial; o americano na expansão do fordismo) agora os modelos de produção não são mais divididos em impérios, o processo de produção se torna global devido a um novo patamar da internacionalização da economia. E é a partir desse modelo novo de produção que as empresas entram cada vez mais dentro deste sistema competitivo, e aquelas que sobrevivem ao mundo da competição exagerada aumentam a mais valia ao seu corpo. Desta forma, cada vez mais o mundo do trabalho entra em um espaço da competitividade, onde os processos científicos têm grande relevância no aumento do valor das mercadorias e no processo de produção. Assim criamos uma nova forma de pensar contemporâneo, onde a competitividade, a produção e a informação têm grande relevância, e esses processos fazem um diálogo com a história da humanidade.

Mais um momento da produção da globalização descrito pelo autor é a “A cognoscibilidade do planeta”. O conhecimento do planeta sofreu intensa mudança no séc. XX, devido ao avanço da ciência, o que possibilitou uma gama de ações nunca antes feitas. Assim o homem agora não apenas utiliza, mas transforma a natureza a sua volta de uma forma jamais vista antes, até criando produtos e técnicas que nunca foram vistas.

Como nos mostra Harvey (2008), a política do neoliberalismo trouxe uma série de novos discursos sobre a teoria econômica e sobre o papel do Estado contemporâneo, salientando a sua nova configuração e conseqüentemente e sua nova maneira de agir perante as políticas públicas. A criação de uma série de “desconfortos” para uma determinada classe da população aparece como contradição central do processo capitalista; o proletariado e as classes mais pobres sofreram uma série de arrochos para manter esse novo sistema econômico em surgimento. O que Milton Santos tenta sistematizar no capítulo 2 de seu texto são as principais mudanças no período que possibilitaram esse novo modelo de pensar, que Harvey (2008) nos apresenta.

2.2 GLOBALIZAÇÃO “O MUNDO COMO FÁBULA, COMO PERVERSIDADE E COMO POSSIBILIDADE”

Na análise do professor Milton Santos, ele entende que o processo de globalização tem três processos centrais: a globalização como fábula, como perversidade e como possibilidade. Essas categorias de análise são estratégias para entender um mundo “confuso e confusamente percebido” como ele mesmo nos diz. Um mundo onde

[...] de um lado o extraordinário progresso das ciências e das técnicas, das quais um dos frutos são os novos materiais artificiais que autorizam a precisão e a intencionalidade. De outro lado, há, também, referência obrigatória à aceleração contemporânea e todas as vertigens que cria, a começar pela própria velocidade. (SANTOS, 2009. p. 17)

São esses alguns dos principais motivos para entendermos por que há uma confusão nas percepções do mundo fabricado pelo homem. É a partir dessa visão abrilhantada sobre o atual estado das técnicas e da política, que o autor faz a sua primeira análise ao processo de globalização a globalização como fábula.

2.2.1 Globalização como fábula

Para Milton Santos as percepções sobre o fenômeno da globalização, são vistas de maneiras bastante confusas, criando alguns mitos sobre o atual sistema. Essa fabulação se dá por um motivo principal, qual seja a forma como a informação é transmitida à humanidade. Para Milton Santos vivemos em um momento de “Tiranía da informação” onde a mesma é usada por diferentes atores que têm diferentes percepções de mundo e, é claro, atualmente quem comanda esse mercado são aqueles que Milton Santos chamou de “atores hegemônicos”. E esses atores hegemônicos que retêm o modelo de produção e as técnicas, transmitindo

[...] uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde. Isso tanto é mais grave porque, nas condições atuais da vida econômica e social, a informação constitui um dado essencial e imprescindível. Mas na medida em que o que chega às empresas e instituições hegemônicas, é, já o resultado de uma manipulação, tal informação se apresenta como ideologia. (SANTOS, 2009, p. 39)

Outro fato que é de grande importância para entendermos o que é globalização é entender que no meio acadêmico não há um consenso entre as leituras do fenômeno, o que aumenta a confusão sobre o tema e gera mais espaços para os atores hegemônicos trazerem as suas análises à tona e mascarar cada vez mais a grande discussão que envolve este tema. Alguns autores chegam a negar o processo de globalização.

É a partir desses processos que surgem alguns mitos que tentaremos criticar neste momento. O primeiro deles é o mito de “aldeia global” cunhado pela observação dos crescentes caminhos da comunicação mundial, criando a ilusão de uma comunicação planetária. Para alguns autores, essa informação está cada vez mais a serviço de alguém, mais manipulada, servindo interesses outros que não de uma coletividade.

Outro mito é o de “espaço e tempo contraídos”. Devido ao grande avanço das técnicas de transporte, há uma impressão sobre o encurtamento das distâncias e do tempo, porém poucos têm acesso a este tipo de tecnologia e esse mito, em conjunto com o anterior, formam uma dupla que tem uma força ideológica enorme. Esta força serve à venda da idéia de que o processo de produção capitalista contemporâneo traz inúmeros avanços para a população mundial. E é neste contexto que a noção de um mercado global surge, pois o que temos na verdade são poucas praças de comércio onde Nova York, Londres e Tóquio concentram metade das negociações financeiras mundiais.

Um mito que essa nova conjuntura ideológica, do neoliberalismo nos traz, é a idéia de estado mínimo ou o “mito da morte do estado” como Milton Santos coloca em sua obra. A teoria político-econômica do neoliberalismo e até o liberalismo cunhado por Adam Smith, traduz um estado mínimo, um estado que não intervém na economia. Mas sabemos que o Estado contemporâneo está cada vez mais entrelaçado ao sistema capitalista, os governos atuam cada vez mais para os sistemas de produção funcionarem, de várias maneiras, com reduções fiscais, criações de parques industriais, meios técnicos para escoamento de produção, até entregando as suas universidades para o sistema de inovação tecnológica que movimenta o modelo de competitividade em que vivemos; ou seja, o estado está cada vez mais nas mãos das grandes corporações transnacionais.

É a partir desta discussão sobre o Estado contemporâneo, que entenderemos o que o professor Milton Santos chama de globalização perversa.

2.3 GLOBALIZAÇÃO COMO PERVERCIDADE

Como dito antes o capitalismo contemporâneo tem bases técnicas sólidas para uma ampla mundialização do seu processo de produção; jamais vista antes. E esse novo processo de produção baseado na informação e no dinheiro, produz uma nova racionalidade, um novo *ethos* que influencia diretamente o modo como os cidadãos vêem o papel do estado, negando

a política e temas centrais em suas vidas. Assim conceitos coletivos se perdem e dão espaço cada vez mais a individualismos (SANTOS, 2009).

Neste capítulo trataremos deste novo comportamento e de como este novo momento de relações estabelece prejuízos para muitos e lucro para poucos. Assim devemos entender que os momentos que Milton Santos descreveu como formadores do processo de globalização não se excluem, portanto a globalização vista como fábula já é o resultado de várias perversidades que o sistema capitalista nos proporciona e a globalização como possibilidade é uma válvula de escape de toda essa perversidade.

Essa fabulação é proporcionada pelo uso da informação por atores hegemônicos, esses que concentram capitais, assim as técnicas e a própria informação só são usadas por aqueles que possuem o capital. Portanto vivemos em um momento histórico que a informação junto com o dinheiro têm centralidade e exercem um papel tirano (SANTOS, 2009).

Aqueles que possuem capitais e meios técnicos querem manter o sistema, e a informação que é vinculada e dominada por atores hegemônicos tem um papel de transmitir um “encantamento do mundo” um modo de manter o sistema pelas mesmas bases que ele foi criado. Contudo, um mundo que tem bases técnicas para uma grande evolução nas relações sociais permanece nesta barbárie propiciada pela relação contraditória do capital-trabalho.

Portanto essa manipulação que é vinculada por atores hegemônicos, faz com que esse novo *ethos* seja tomado como caminho único para vida e assim conceitos como a competitividade surgem e tomam conta do cotidiano. As técnicas contemporâneas não são entendidas e sim tomadas como essenciais, como historicamente são vistas.

Para entendermos o processo perverso do capitalismo contemporâneo, devemos compreender alguns pontos que se formaram historicamente. Alguns já foram tratados no presente texto, onde se expôs sobre a produção da globalização. Um ponto de grande importância para esta análise é a cognoscibilidade do planeta: os conhecimentos técnicos evoluíram consideravelmente nos últimos anos, assim os meios de produção se alimentaram cada vez com mais tecnologia, possibilitando uma maior eficiência na mais-valia, ponto que também tratamos no capítulo referido acima.

Em convergência aos pontos descritos, há a uma ligação do sistema capitalista ao sistema financeiro que faz com que as empresas tenham uma maior capacidade de mobilidade, permitindo com que os capitais se fundam, criando grandes monopólios e concentração de capitais. Essa mobilidade possibilita que grandes territórios criem uma dependência financeira sobre os grandes monopólios e assim cada vez mais os governos

cedem incentivos fiscais e territoriais para que essas empresas se instalem em seus territórios. Com isso, as populações destes territórios ficam completamente à mercê destes grandes capitais; assim os territórios são lugares onde as problemáticas do sistema se apresentam (MONKEN et al, 2008).

2.4 GLOBALIZAÇÃO COMO POSSIBILIDADE

Até agora no presente trabalho apresentamos as principais críticas do professor Milton Santos ao processo contemporâneo a qual nos referimos, as críticas se desenvolvem em um âmbito negativo, agora apresentaremos um eixo central em seu livro e seu ultimo capítulo onde ele aborda o atual processo como um momento também positivo para a história da humanidade onde há uma transição para um período popular da história.

Como já foi dito anteriormente o capitalismo contemporâneo e um sistema perverso e os meios com que a perversidade se estabelece são próprios os meios por onde poderá haver o surgimento de uma cultura popular, agora não voltada para o dinheiro em estado puro como atualmente, e sim para o homem, assim o estilo de vida que o mercado impõe estabelecendo uma cultura de massa poderá dar lugar a um período popular.

Claro que o autor não apresenta essa tese tão romantizada com aparenta ser, ele entende que para tal acontecer o homem tem que tomar conhecimento das verdades históricas que os cercam. O autor também entende que a escassez que os processos da globalização produzem e a mesma que fará com que a população tome consciência dos processos perversos que os territórios sofrem. E neste ponto que os processos técnicos que viabilizaram os processos de globalização, também fazem parte desta ascensão do período popular, esse e um ponto para que entendamos porque o atual tempo histórico e tão único.

3 PROCESSO SAÚDE-DOENÇA

Neste capítulo, há uma discussão sobre o processo saúde-doença e quais são seus determinantes na sociedade contemporânea. Sustentaremos uma tese principal: o desenvolvimento econômico está ligado diretamente à saúde de uma população, ou seja, à organização e às estruturas que a atual fase do capitalismo contemporâneo nos impõe e é determinante para a construção do conceito “saúde” e, conseqüentemente, para a sua materialização em práticas sanitárias. Tendo como marco teórico, o processo de globalização descrito por Milton Santos em sua obra “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal”, o esforço proposto não é o de teorizar acerca do conceito de globalização. Em seu lugar, é o de mostrar como a ideologia do discurso neoliberal se dispõe na prática das políticas públicas. (CASTRO, 2008)

3.1 HISTÓRICO DO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA

A discussão sobre a temática da saúde é apresentada desde a Grécia antiga com a teoria dos miasmas de Hipócrates, considerado o “pai da medicina” no ocidente, e vem sendo abordada por toda história da humanidade, pois a questão do que é saúde tem um caráter existencial (BATISTELLA, 2007). Sendo assim, pela história vários modelos explicativos sobre a saúde e a doença surgiram, se afirmaram e caíram. O esforço que teremos neste capítulo é de traçar os principais modelos que surgiram na história do pensamento sobre a saúde. Aqui recorreremos à história para entrarmos em diálogo com o contemporâneo e é nesse movimento que segue a estrutura do capítulo. Seguimos aqui um autor que trata desta temática na história. (BATISTELLA, 2007)

Desde a antiguidade o homem se preocupa com a sua saúde, na pré-história os nômades tinham os cuidados básicos como a alimentação, o abastecimento, que são comportamentos instintivos da sobrevivência do ser humano, assim o que não era ou não podia ser explicado era tinha tratamento mágico-religioso. (BATISTELLA, 2007)

Assim nasce um modelo de explicação da saúde, voltado para o místico e o religioso. Sobre isso Batistella diz,

Nas diferentes culturas, o papel da cura estava entregue a indivíduos iniciados: os sacerdotes incas; os xamãs e pajés entre os índios brasileiros; as benzedadeiras e os curandeiros na África. Considerados líderes espirituais com funções e poderes de natureza ritualística, mágica e religiosa, mantinham contato com o universo sobrenatural e com as forças da natureza. Encarregados de realizar a cura, erradicando o mal e reintegrando o doente a partir de diferentes recursos extáticos de

convocação, captura e afastamento dos espíritos malignos, os curandeiros valem-se de cânticos, danças, instrumentos musicais, infusões, emplastros, plantas psicoativas, jejum, restrições dietéticas, reclusão, tabaco, calor, defumação, massagens, fricção, escarificações, extração da doença pela provocação do vômito, entre outros recursos terapêuticos. (BATISTELLA, 2007, p. 29)

Com o surgimento da racionalidade grega nasce um novo modelo de explicação para a saúde e a doença, apesar desse modelo ainda estar ligado a um pensamento mítico. “Suas práticas, no entanto, iam além da ritualística, envolvendo o uso de ervas medicinais e de métodos naturais” (BATISTELLA, 2007, p. 31). Aqui a natureza já assume um papel importante para compreensão da saúde e da doença. Hipócrates em seu livro “Ares, Águas e Lugares”, já entende o clima, o solo, a água, o ar e a nutrição como determinantes para a saúde. Esse pensamento se perpetuou com a conquista do Império Romano, e foi usado em planejamento urbano, em cidades como Roma. (BATISTELLA, 2007)

Com a queda do Império Romano e a entrada da Idade Média, grande parte da cultura desenvolvida pelo Império Romano se perde, e o cristianismo avança por toda a Europa e consigo carrega um modelo de explicação. Assim os tratamentos dão lugar a rezas e exorcismos. Não mais os médicos tratam da saúde, que agora é assunto religioso.

E por esse decréscimo da racionalidade grega as cidades se desorganizam com a migração da população rural; animais eram criados nas ruas e o esgoto contaminava a água, portanto novas epidemias assolaram a Europa. Caso marcante é a epidemia de “lepra” que criou uma nova forma de tratar, com isolamento, trazendo um grande estigma à pessoa que contraía a doença. (BATISTELLA, 2007)

Com o Renascimento, surgem universidades dentro de mosteiros, conhecimentos sobre higiene oriundos da cultura romana retomavam força, novos modelos explicativos nasciam com a retomada do olhar sobre a natureza. Assim Batistella diz:

A afirmação de um novo tipo de conhecimento se dava principalmente por meio da publicação de inúmeros tratados técnicos, favorecendo o contato entre o saber científico e o saber técnico-artesanal. Nasce daí uma intensa cooperação entre cientistas e técnicos, entre ciência e indústria. Pouco a pouco vão sendo estabelecidas as bases de um pensamento científico cujo discurso pré-moderno passa a submeter todo e qualquer conhecimento à prova da prática. (BATISTELLA, 2007 p.38)

A partir da queda do modelo feudal e, conseqüentemente, do modelo explicativo proposto pela Igreja, as economias e a produção do modelo mercantilista se tornam importantes para os estados. Com o surgimento da máquina a vapor surge um novo modelo de

produção cada vez mais voraz e com o relógio da produção voltado para a máquina. Assim o estado moderno surgia na Europa e, junto com essa mudança no modelo de produção econômica, surge um novo modelo explicativo para a saúde e a doença.

É possível distinguir três etapas na formação da medicina social: a medicina de Estado, surgida na Alemanha do século XVIII com a organização de um sistema de observação da morbidade, com a normalização do saber e práticas médicas, a subordinação dos médicos a uma administração central e a integração de vários médicos em uma organização médica estatal; a medicina urbana, com seus métodos de vigilância e hospitalização, por sua vez, não é mais do que um aperfeiçoamento, na segunda metade do século XVIII, do esquema político-médico da quarentena. Surgida na França, a higiene urbana tinha como preocupação central a análise das regiões de amontoamento que significassem ameaça à saúde humana, como os cemitérios e os matadouros, propondo sua ‘re-localização’ e o controle da circulação do ar e da água. Era a medicalização das cidades; por fim, com o desenvolvimento do proletariado industrial na Inglaterra, a medicina inglesa começa a tornar-se social através da ‘lei dos pobres’. Caracterizada pela assistência e controle autoritário dos pobres, a implantação de um cordão sanitário que impunha o controle do corpo da classe trabalhadora por meio da vacinação, do registro de doenças e do controle dos lugares insalubres visava torná-la mais apta ao trabalho e menos perigosa para as classes ricas. (FOUCAULT apud BATISTELA, 2007 p. 40).

No séc. XIX os métodos de tratamento eram pouco abrangentes e se restringiam ao isolamento de pacientes, “o desenvolvimento das investigações no campo das doenças infecciosas e da microbiologia resultou no aparecimento de novas e mais eficazes medidas de controle, entre elas a vacinação” (BATISTELLA, 2007 p. 41). A partir daí as pesquisas sobre microrganismos avançaram e desta forma novos paradigmas de tratamento foram surgindo e, conseqüentemente, uma nova forma de pensar saúde e doença. A era bacteriológica revelou a discussão da unicausalidade.

Passamos a compreender que o modelo explicativo para a doença passa agora a tratar de um único agente para a doença, pois tinha como marco as pesquisas em microbiologia. Entende-se assim que o modelo antes pautado no ambiente, agora é tratado de maneira que denominamos *reduzida*.

Depois da segunda Guerra Mundial esse modelo é enfraquecido devido à

[...] diminuição da importância das doenças infecto-parasitárias como causa de adoecimento e morte em detrimento do incremento das doenças crônico-degenerativas. A debilidade do modelo unicausal na explicação de doenças associadas a múltiplos fatores de risco favoreceu o desenvolvimento dos modelos multicausais. (BATISTELLA, 2007 p. 45)

A partir desse processo começam a surgir modelos explicativos para saúde e doença que visavam a multicausalidade e que iam de encontro à proposta unicausal vinculada às pesquisas bacteriológicas. Como consequência disto, já se nota um caminho que visava entender a saúde como interface entre ambiente, hospedeiro e agente abrindo espaço para um

modelo que apresentasse saúde/doença como um processo de relações sociais produzidas pelo homem em seu tempo histórico.

3.2 O PROCESSO SAÚDE/DOENÇA NA ATUALIDADE

Depois dessa apresentação sobre o conceito de saúde na história da humanidade vamos nos pautar sobre as análises contemporâneas do processo saúde/doença. Seguindo também a mesma metodologia proposta na primeira parte desse texto onde o foco da leitura era (BATISTELLA, 2007). De acordo com o autor atualmente circulam três modos de entender saúde “saúde como ausência de doença, como bem-estar e como direito: o conceito ampliado”.

A saúde como ausência da doença é uma visão difundida atualmente por um modelo de pensamento pautado na biomedicina. Sob esta ótica, os métodos de análises das doenças se construíram a partir de uma visão biológica do indivíduo e dos fatores determinantes para a mesma. Assim, Batistella (2007 p. 53) comenta essa mudança de paradigma explicativo:

Os fenômenos são explicados pela nova racionalidade a partir do estudo, baseado na observação e na experiência, das mudanças morfológicas, orgânicas e estruturais. Por conseguinte, a saúde passa a ser entendida como seu oposto lógico: a inexistência de patologia, ou seja, a própria fisiologia. Essa profunda transformação na forma de conceber a doença irá assentar as bases do sistema teórico do modelo biomédico, cuja força explicativa é responsável pela sua presença até os dias de hoje.

A saúde como bem-estar é um conceito de saúde proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que entende a saúde como um estado de bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença. Esse modelo foi uma tentativa de quebrar com o paradigma biomédico e olhar a saúde com uma visão integral. Apesar deste conceito já trazer à tona uma visão mais completa do processo saúde/doença, esta aceção carrega uma grande subjetividade, ao cargo de que não poderia se materializar em formas de enfrentamento e operacionalização.

Esta subjetividade pode dar margem a medidas arbitrárias, assim Batistella diz:

O conceito da OMS reside no fato de que sua adoção pode servir para justificar práticas arbitrárias de controle e exclusão de tudo aquilo que for considerado indesejável ou perigoso. A simples tentativa de definir o estado de bem-estar mental e social poderá supor uma existência sem angústias ou conflitos, sabidamente inerentes à própria história de cada ser humano e de cada sociedade. Assim, o discurso médico pode converter-se em discurso jurídico, e tudo aquilo que é

considerado perigoso ou desviante se torna objeto de uma intervenção – medicalização. (BATISTELLA, 2007 p. 58)

E a saúde como um direito surge na América Latina, mais precisamente no Brasil, no contexto da VIII Conferência Nacional de Saúde, quando já ocorria a democratização do país, que acabara de sair de um regime ditatorial. Este movimento fazia crítica ao modelo de sistema público de saúde vigente e contou com grande participação popular no ano de 1986.

Podemos resgatar um parágrafo de seu texto que define saúde da seguinte maneira:

Em sentido amplo, a saúde é a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. Sendo assim, é principalmente resultado das formas de organização social, de produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida. (CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE, 8, 1986)

Aqui já temos um modelo que visa a produção social da doença e quebra com os paradigmas do modelo explicativo biomédico. Podemos agora pensar como esse conceito se expressa atualmente. Como apresenta Sabroza (2001) o conceito de saúde deve ser tomado como impreciso e é a interação com outros modelos explicativos que o torna real dentro de um período histórico. Dentro desta perspectiva cunhada por Sabroza, Batistella escreve:

Embora fazendo parte de uma realidade objetiva, a construção do conceito só se dá a partir da sua elaboração por atores sociais concretos. Discutindo as transformações na organização do modo de produção nas diferentes formações sociais ao longo da história para analisar suas implicações na saúde das populações, Sabroza detém-se na transição dos diferentes estágios do capitalismo. De um capitalismo molecular, baseado no consumo intensivo de mão-de-obra (manufaturas), passando pelo capitalismo monopolista de estado, cuja produção estava centrada no consumo intensivo de energia, chega-se ao estágio do capitalismo técnico-científico, caracterizado pelo consumo intensivo de informação, pela desconcentração territorial da produção, informatização acelerada, flexibilização das relações de trabalho, redução dos postos de trabalho, fortalecimento das corporações transnacionais, fomento à produtividade e competitividade, diminuição do poder regulador dos estados, entre outros fenômenos associados. (BATISTELLA, 2007 p. 74)

4 TERRITÓRIO E PROCESSO SAÚDE/DOENÇA

Como este trabalho tem como referência teórica o processo de globalização descrito por Milton Santos, um dos modelos de análise e de enfrentamento do processo saúde /doença que dialogam com a abordagem teórica do mesmo, é a categoria território. E para entendermos como o território se relaciona com a globalização e o processo saúde/doença, seguimos a abordagem proposta por (MONKEN *et al*, 2008).

A concepção de espaço geográfico pode ser vista de diferentes maneiras: o planeta , o país, o estado, a rua, a casa, o bairro; isto pode ser considerado espaço geográfico, mas se atentarmos para uma perspectiva mais crítica observaremos que o espaço é algo mais que nossos meios cotidianos. Para Santos (1988), o espaço geográfico pode ser visto como a interação entre fixos, os lugares do cotidiano, e fluxos, as ações (pessoas, capitais, idéias, mercadorias) e, portanto, podemos enxergar o espaço como um sistema, algo que é construído socialmente.

Desse modo, a identificação e a localização dos objetos seus usos pela população e sua importância para os fluxos das pessoas e de matérias são de grande relevância para o conhecimento da dinâmica social, de hábitos e costumes e para a determinação de vulnerabilidades de saúde, originadas nas interações de grupos humanos em determinados espaços geográficos. (MONKEN, 2003 apud MONKEN *et al*, 2008)

Desta maneira podemos observar que o espaço geográfico é desigual, portanto é no território que surgirão os resultados dos processos perversos que o capitalismo nos impõe, conseqüentemente o espaço geográfico determina uma gama de doenças e por ele podemos entendê-las. Como por exemplo, as questões que envolvem o uso de recursos naturais, as questões que envolvem o saneamento e organização espacial.

Portanto devemos entender como surge esse modelo explicativo na história da saúde. Aqui no Brasil esse conceito surge a partir dos trabalhos do professor Paulo Sabroza e do geógrafo Milton Santos , que inicia várias discussões sobre o método geográfico em sua obra principal “A natureza do espaço”, a partir daí se inicia um dialogo entre a geografia humana e a saúde coletiva, e têm como ponto convergente o território e as suas discussões, assim o território surge como um meio de abordagem, organização, pactuação dos serviços de saúde (MONKEN *et al*, 2008).

Dentro desta linha de pensamento Monken e Barcellos nos diz:

Neste movimento destaca-se a importância atribuída aos novos conceitos das ciências humanas e de métodos advindos da união da epidemiologia e da geografia

humana que possibilitam avançar na descrição, sistematização e reflexão das situações de saúde, orientando, desse modo, o planejamento de práticas e ações de promoção à saúde. Tanto para a análise como para estratégia de ação sobre a desigual distribuição espacial da saúde de populações, devemos adotar caminhos importantes como: conhecer, conhecer para interpretar e interpretar para atuar — o que freqüentemente acontece de forma desarticulada, incompleta ou deficiente. (MONKEN; BARCELLOS, 2007, p.177)

Como o autores nos dizem o território tem uma dimensão reflexiva, foi sobre isso que este trabalho se pautou, para que a interpretação dos males que os processos contemporâneos, se tornem cada vez mais claros e para que possamos atuar de forma mais coesa, e não desarticulada com aqueles que vivem o território, a população.

A partir dessa breve conceituação podemos entender como o processo de globalização se relaciona com o território e a vida cotidiana, um dos pontos que mais foram abordados nos últimos tempos a respeito do processo de globalização é sobre a grande circulação de pessoas e mercadorias, para a saúde isso é um ponto relevante nas discussões, pois quanto mais circulação de pessoas e mercadorias mais vetores, vírus e bactérias circulam por diferentes ecossistemas e países ou seja isso já é um ponto concreto que esse modelo de mercado impõe a saúde.

Outros pontos que os processos perversos impuseram são o declínio da proteção social pelos estados, as ideologias das empresas dominaram cada vez mais a vida cotidiana da população, assim o dinheiro toma centralidade e o mercado estabelece um modelo de vida e de consumo, que está diretamente ligado a um modelo de ver e de pensar a saúde. Assim os processos contemporâneos violentos se tornam estruturais e a partir dessa reflexão que a proposta do território como categoria de análise para entender o processo saúde/doença. Assim como o professor Milton Santos vê uma possibilidade e saúde tem um papel central nesse processo de empoderamento da população de um território, no processo da construção de um período popular.

REFERÊNCIAS

- BARCELLOS, Christovam. Problemas emergentes da saúde coletiva e a revalorização do espaço geográfico. In: MIRANDA, Ary Carvalho de et. al. **Território, ambiente e saúde**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008. p. 43-57.
- BATISTELLA, Carlos. Saúde, doença e cuidado: complexidade teórica e necessidade histórica. In: FONSECA, Angélica F; CORBO, Anamaria D. (Org.). **O território e o processo saúde-doença**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2007. cap. 1.
- _____. Abordagens contemporâneas do conceito de saúde. In: FONSECA, Angélica F; CORBO, Anamaria D. (Org.). **O território e o processo saúde-doença**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2007. cap. 2.
- CASTRO, Raul. Globalização. In: BRASIL, Isabel; LIMA, Julio. **Dicionário da educação profissional em saúde**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008. p. 236.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE, 8., 1986, Brasília, DF. **Relatório final**, 17 a 21 de março de 1986.
- HARVEY, David. **O neoliberalismo história e implicações**. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2008. p. 11-29.
- MONKEN, Maurício et. al. O território na saúde: construindo referências para análises em saúde e ambiente. In: **Território, ambiente e saúde**. MIRANDA, Ary Carvalho de et al. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008. p.23-41.
- MONKEN, Maurício; BARCELLOS, Cristovam. O Território na promoção e vigilância em saúde. In: FONSECA, Angélica F; CORBO, Anamaria D. (Org.). **O território e o processo saúde-doença**. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007. p. 177-224.
- PEREIRA, Maurício Gomes. **Epidemiologia teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. p. 1-7.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Os processos da globalização**. In: _____. A globalização e as ciências sociais. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005. cap.1.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. 168p.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo - razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002. Cap.1.